Centro Universitário de Patos (UNIFIP)
Curso de Medicina
v. 8, n. 1, 2023, p. 140-152.
ISSN: 2448-1394

Journal of Medicine and Health Promotion

O RISCO DA AUTOMEDICAÇÃO DE ANTI-INFLAMATÓRIOS NÃO-ESTEROIDAIS ENTRE OS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM

THE RISK OF NONSTEROIDAL ANTI-INFLAMMATORY DRUGS SELF-MEDICATION AMONG NURSING STUDENTS

Tayná de Amorim Barros
Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – Paraíba – Brasil
taynabarros2019@gmail.com

Ianne Stéfani Angelim Vieira
Instituto Fernandes Figueira (IFF)/Fioruz – Patos – Paraíba - Brasil
iannevieira.enf@gmail.com

Raquel Campos de Medeiros
Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – Paraíba - Brasil
raquelfip@hotmail.com

Mona Lisa Lopes dos Santos Caldas
Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – Paraíba - Brasil
monasantos@fiponline.edu.br

RESUMO
Objetivo: Estudo teve como principal objetivo realizar uma revisão integrativa acerca dos riscos que podem surgir através da automedicação de AINES por estudantes de enfermagem.
Metodologia: Para atingir tais objetivos, as buscas foram realizadas nas bases de dados SciELO e BVS, levando em consideração os artigos científicos com esta temática publicados nos últimos dez anos (2012-2022).
Resultados: Seguindo estes critérios, dez artigos foram selecionados para a análise final e dessa forma, foi possível compreender que a prevalência da automedicação entre os estudantes de enfermagem possui altos muito elevados, sendo um dos principais aspectos apontados em todos os estudos analisados. Além disso, fatores como acreditar já possuir o conhecimento necessário acerca do medicamento e da patologia estão por trás das principais motivações para a automedicação.
Conclusões: Portanto, entende-se que a automedicação pode ser considerada um sério problema de saúde pública e os grandes índices dentro dos cursos dos profissionais de saúde indicam para a necessidade de intervenções diretas com estes estudantes, com o objetivo de reduzir os danos causados por esta prática.

Palavras-chave: Automedicação; AINES; Enfermagem; Revisão Integrativa.

ABSTRACT
Objective: The main objective of this study was to conduct an integrative review of the risks that may arise through self-medication of NSAIDs by nursing students.

Metodology: To achieve these objectives, searches were carried out in the SciELO and BVS databases, taking into account the scientific articles on this subject published in the last ten years (2012-2022).
Results: Following these criteria, ten articles were selected for the final analysis and thus, it was possible to understand that the prevalence of self-medication among nursing students has very high levels, being one of the main aspects pointed out in all the analyzed studies. In addition, factors such as believing that one already has the necessary knowledge about the medication and the pathology are behind the main motivations for self-medication.
Conclusions: Therefore, it is understood that self-medication can be considered a serious public health problem and the large rates within the courses of health professionals indicate the need for direct interventions with these students, with the aim of reducing the damage caused by this practice.

Key-words: Self-medication; NSAIDs; Nursing; Integrative Review

1. Introdução

A automedicação é uma problemática que, segundo a Organização Mundial da Saúde, trata-se da seleção e do uso de medicamentos pelas pessoas com o objetivo de tratar e cuidar de determinadas doenças ou sintomas que tenham sido autodiagnosticadas[1].

Um dos medicamentos que mais é atribuído ao uso indiscriminado são os anti-inflamatórios não-esteroidais (AINES), que são medicamentos amplamente utilizados no tratamento de dores agudas e crônicas que decorrem do processo inflamatório, assim como para alívio de febre e entre outros sintomas, comumente ingeridos sem um diagnóstico prévio[2].

Os AINES são responsáveis muitas vezes pela causa de reações adversas relacionadas à sua toxicidade, como por exemplo: diarreia, dispneia, úlcera péptica, disfunção, falência renal, hemorragia gastrointestinal, inibição da agregação plaquetária. Portanto, percebe-se que a automedicação através de tais fármacos podem ser amplamente negativos para a saúde dos indivíduos, nesse sentido, compreende-se a importância de uma orientação embasada para o uso racional desses medicamentos[3, 4].

Porém, o acesso à informação muitas vezes é um dos principais fatores que influenciam o uso de forma indiscriminada, principalmente quando a busca por esta informação é realizada pela internet ou por conta própria. Este é apontado como o caso de estudantes universitários da área da saúde, que geralmente praticam a automedicação por acreditarem possuir o autoconhecimento científico que justifique esse uso, predispondo a utilizarem tais medicamentos de forma inadequada[5].

Dessa forma, tais conhecimentos os colocam em uma zona confortável para se automedicar, contribuindo para o aumento da procura por esses medicamentos através de práticas negligentes no que se refere as reações adversas e as dosagens terapêuticas.

Partindo destes apontamentos, surge o seguinte questionamento: quais os impactos negativos da automedicação por AINES em estudantes de enfermagem?

Compreende-se que esta temática necessita de um maior debate aprofundado devido ao seu grande impacto negativo na vida das pessoas. Para tanto, justifica-se a revisão integrativa como uma ferramenta a colaborar com este debate e propor possíveis intervenções.

Dessa forma, este estudo tem como principal objetivo realizar uma revisão integrativa acerca do risco da automedicação de estudantes de enfermagem por AINES. Além disso, buscaremos investigar nos artigos quais os apontamentos acerca das razões que levam os estudantes à automedicação por AINES, além de verificar os dados acerca dos riscos existentes referentes à automedicação por AINES e por fim, refletir e propor possíveis intervenções sobre este tema.

2. Metodologia

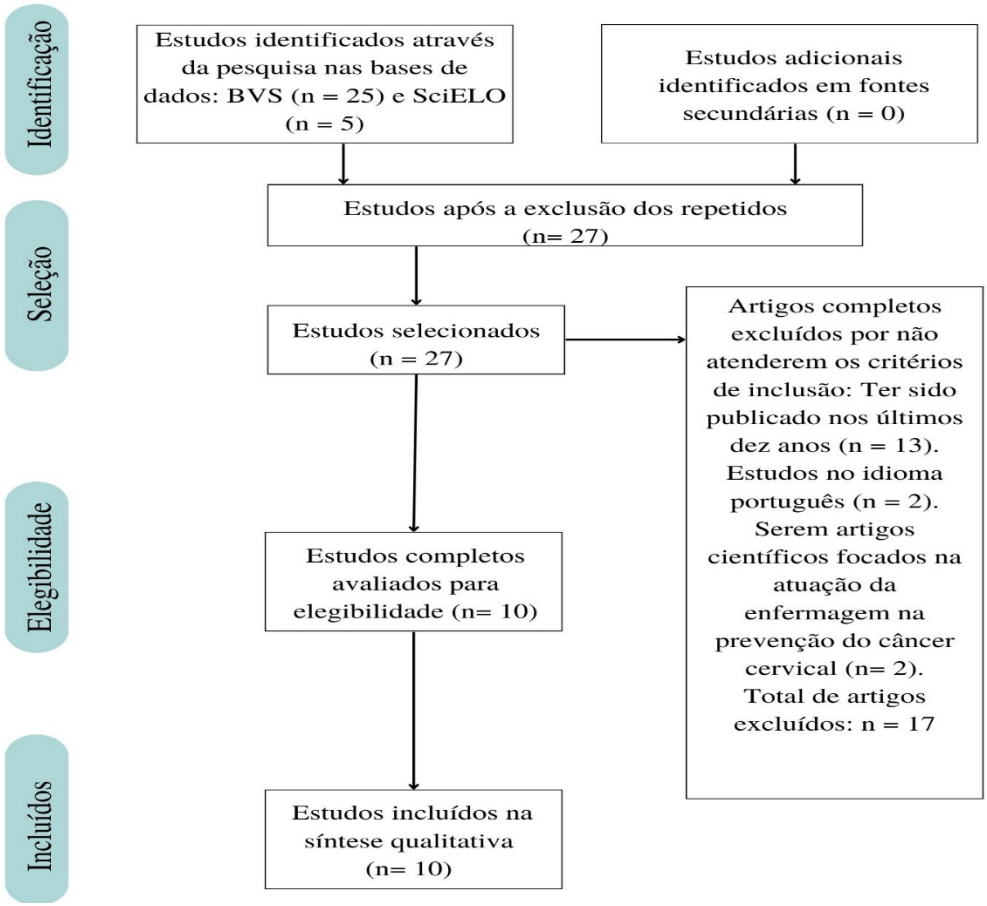
Este estudo trata-se de uma revisão integrativa acerca dos estudos sobre os riscos existentes da automedicação de AINES entre estudantes de enfermagem. A revisão integrativa busca levar em consideração todo o material que seja público existente acerca de um determinado assunto[6]. O principal objetivo desta técnica de pesquisa é pôr o pesquisador e os leitores em contato com os conteúdos já produzidos sobre uma temática específica, se propondo a registrar, interpretar e analisar os achados de pesquisas realizadas anteriormente[7].

Com base nos objetivos e na proposta deste estudo, os critérios de inclusão utilizados foram: (1) serem artigos publicados nos últimos 10 anos (2012-2022); (2) estarem escritos na língua portuguesa e (3) serem pesquisas que tenham como temática principal: a automedicação de AINES entre estudantes de enfermagem. Foi realizada as buscas nas bases de dados Scielo e BVS. O buscador utilizado foi "automedicação entre estudantes de enfermagem" analisando os últimos dez anos (2012-2022). Os primeiros artigos encontrados foram analisados com base em seus títulos e resumos, buscando selecionar aqueles que se encaixem nos critérios de inclusão, posteriormente, uma segunda análise dos artigos foi feita através da leitura na íntegra dos estudos, selecionando as principais informações acerca da temática para realizar a análise de dados. Na análise dos artigos que restarem ao final, foi levado em consideração o tipo de estudo, o principal tema trabalhado, seus objetivos, o método de pesquisa usado e seus principais resultados e conclusões, possibilitando a construção de uma tabela com tais informações e desenvolvendo uma discussão com base nos referenciais teóricos existentes sobre o tema.

3. Resultados e Discussão

Para construção da presente revisão integrativa, foi necessário realizar um processo de busca e seleção dos artigos nas bases de dados SciELO e BVS, para serem analisados e para desenvolver os resultados deste estudo. Este procedimento é descrito abaixo no fluxograma através da Figura 1 abaixo.

Figura 1 – Fluxograma PRISMA do processo de busca e seleção dos artigos



Fonte: Autoria própria.

Como visto na figura 1, foi possível realizar a busca dos artigos utilizando o descritor "automedicação entre estudantes de enfermagem" nas bases de dados SciELO e BVS. Na SciELO, foi possível encontrar um total de 5 artigos, que após a aplicação dos critérios de inclusão, 2 artigos foram excluídos por não fazerem parte do período de anos estipulado nesta revisão (2012-2022), restando 3 artigos para a análise final. Já na base de dados BVS, foi possível identificar um total de 25 artigos que após a aplicação dos critérios de inclusão, foram excluídos 2 artigos por não terem como tema central a automedicação entre estudantes de enfermagem, 2 artigos por não estarem escritos na língua portuguesa, 3 artigos repetidos e 11 artigos publicados antes dos últimos dez anos, restando 7 artigos

para a análise final. Por fim, restou um total de 10 artigos para a análise final desta revisão integrativa, sendo descritos no Quadro 1 abaixo.

Quadro 1 – Descrição dos artigos selecionados para a análise final

Autor e ano	Base de dados	Tipo de estudo	Objetivos	Principais resultados
Gama; Secoli, 2017	SciELO	Quantitativo	Determinar a prevalência e os fatores associados à automedicação entre estudantes de enfermagem	A prevalência da automedicação foi de 76%, motivada especialmente pela percepção de que o problema de saúde não requeria visita ao médico. Os grupos farmacológicos mais consumidos foram os AINES (63,2%) e antibióticos (11%). O desconhecimento das implicações negativas da prática foi associado à automedicação.
Lima et al., 2022	SciELO	Quantitativo	Estimar a prevalência e fatores associados à automedicação entre estudantes de cursos de graduação do interior do Amazonas	80,1% dos participantes que faziam uso de medicações realizavam de forma automedicada, principalmente de AINES (51,8%). As variáveis de "ter filhos" e "ter a prática de indicar medicamentos para terceiros" associaram-se com a automedicação.
Martinez et al., 2014	SciELO	Quantitativo	Estudar a automedicação entre estudantes de cursos de medicina e enfermagem da PUCSP em comparação com estudantes das outras áreas de conhecimento	Observa-se um alto índice de automedicação em ambos os grupos, constatando-se que os participantes do grupo da área de saúde usam significativamente mais opioides e anti-inflamatórios que os demais estudados. A automedicação para dor é maior no grupo de estudantes da área da saúde.
Alves et al., 2019.	BVS	Quantitativo	Verificar a ocorrência da prática de automedicação entre acadêmicos de um curso de graduação em Enfermagem.	Constata-se que 99,0% dos investigados afirmaram praticar a automedicação, enquanto apenas 1,0% referiu nunca ter feito uso de medicamentos sem a prescrição de profissionais habilitados legalmente.
Silva, Goulart; Lazarini, 2014	BVS	Quantitativo e Qualitativo	O objetivo do trabalho foi caracterizar a prática de automedicação e os fatores associados entre estudantes ingressantes e concluintes do curso de Graduação em Enfermagem	Os resultados mostraram que a maioria dos estudantes da primeira e todos os da quarta série se automedicam. Os motivos que levaram os estudantes a se automedicarem foram: influência de terceiros, alívio da dor, demora no atendimento, se perceberem com conhecimentos identificados suficientes após cursarem a disciplina de Farmacologia.
Silva et al., 2015	BVS	Quantitativo	Identificar a prevalência da prática da automedicação e o perfil de consumo de medicamentos entre acadêmicos dos cursos da área de saúde da Universidade Estadual de Londrina.	Entre os participantes, 88,3% relataram a prática da automedicação, e 72,0% utilizaram medicamentos nos 15 dias anteriores à realização da pesquisa. A principal causa de automedicação foi o reconhecimento que o sintoma apresentado não era motivo para a procura médica, destacando-se a cefaleia como sintoma mais prevalente.
Santos et al., 2012	BVS	Quantitativo	Abordar a automedicação entre graduandos de Enfermagem, associado aos problemas de saúde. Objetivou-se uma avaliação da incidência, conhecimento dos medicamentos e os fatores de risco.	Mostrou-se que esta prática ocorre em 65,17% dos graduandos de Enfermagem, 43,82% costumam indicar medicamentos a outras pessoas, a droga prevalente de uso são os analgésicos, anti-inflamatórios, antibióticos e antitérmicos justificando seu uso pelo conhecimento da patologia acometida, 52,81% fazem uso sob orientação própria, 86,51% não apresentaram qualquer tipo de reação adversa pelo uso da

				automedicação e 86,52% acreditam que a automedicação pode mascarar doenças
Bohomol, Andrade, 2020	BVS	Quantitativo	Conhecer a prevalência, os medicamentos utilizados e os principais motivos da automedicação entre os discentes de um curso de enfermagem em uma instituição de ensino superior.	Observou-se um alto índice de automedicação (99,2%), e a classe medicamentosa prevalente foi a dos analgésicos (28,7%) utilizados para alívio rápido da dor (88,1%) e levados à utilização pelo próprio conhecimento (73,8%)
Araújo Junior et al., 2021	BVS	Quantitativo	Determinar a prevalência da automedicação em estudantes de Odontologia e Enfermagem da Universidade Estadual do Piauí no município de Parnaíba e avaliar se existe associação dessa tal prática com o nível socioeconômico, o sexo dos acadêmicos, bem como com o nível de conhecimento teórico-prático.	A automedicação era praticada por 97,1% dos acadêmicos. Além disso, a principal classe farmacológica utilizada foi a de analgésicos.
Colares et al., 2019	BVS	Quantitativo	Conhecer a prevalência da automedicação e os fatores associados a essa prática entre os acadêmicos do curso de Enfermagem.	Identificou-se que a prevalência da automedicação foi de 97,9%, sendo os analgésicos/antitérmicos (50,71%), os anti-inflamatórios (18,57%) e os antialérgicos (12,86%) as classes terapêuticas mais utilizadas. Apurou-se que as queixas mais apontadas como motivos para a automedicação foram as dores de cabeça (53,57%), as alergias (18,57%) e as infecções de garganta (17,14%).

Fonte: Acervo da pesquisa.

Com base no quadro 1 acima, é possível identificar que na última década houve uma distribuição de baixos números de artigos publicados sobre a automedicação por AINES entre estudantes de enfermagem. Entre esta distribuição, percebe-se que foi identificado nas bases de dados SciELO e BVS um artigo em cada um dos anos de 2012, 2015, 2017, 2020, 2021 e 2022, enquanto dois artigos foram identificados nos anos de 2014 e 2019 cada.

Acerca da metodologia adotada para a realização dos artigos analisados nesta revisão integrativa, percebe-se que 9 dos artigos encontrados utilizaram de método quantitativos de coleta e análise dos dados, enquanto um artigo utilizou do método quantitativo-qualitativo, apontando para uma maior predominância dos métodos quantitativos nas pesquisas acerca da automedicação por AINES entre estudantes de enfermagem.

Relacionado aos objetivos e principais resultados encontrados, é notável que os estudos tiveram principal foco na prevalência da automedicação entre os estudantes, além da busca por compreender as causas por trás dessa prática. Portanto, se faz necessário

um processo de discussão mais aprofundado acerca destas questões, sendo realizados nos tópicos a seguir.

3.1 Os anti-inflamatórios não esteroidais: o risco da automedicação entre os estudantes de enfermagem

Com base nos estudos analisados nesta revisão integrativa, fica evidente que os índices da automedicação entre os estudantes de enfermagem, assim como outros estudantes da área da saúde, possuem indicadores elevados. Em um estudo foi identificado que a prevalência da automedicação foi de 76%[8], enquanto outra pesquisa apontou que 80,1% dos participantes faziam uso das medicações de forma autônoma[9]. Um outro estudo comparativo descreveu que os estudantes da área da saúde possuíram um maior índice de automedicação do que os estudantes de outras áreas[10].

Com o foco específico em estudantes da área de enfermagem, uma pesquisa afirmou que 99% dos estudantes que participaram de sua pesquisa praticavam a automedicação[11]. Ainda especificamente com os estudantes de enfermagem, outros autores identificaram que a grande maioria destes estudantes também possuíam esta prática[12]. Estes dados se repetem em todos os artigos analisados nesta revisão, indicando empiricamente que os estudantes de enfermagem possuem uma característica elevada quanto ao uso de AINES.

Portanto, apoia-se a necessidade de discussão acerca dos impactos negativos do uso destes medicamentos de forma indiscriminada e sem orientação de profissionais da saúde de forma específica para a problemática. Nesta perspectiva, diversos questionamentos foram levantados acerca do quão segura é a utilização dos AINES quando ingeridos por indivíduos hipertensos ou com riscos de doenças cardiovasculares, pois os mesmos não são investigados de forma randômica para analisar as possibilidades de risco existentes[13].

Estes impactos podem estar relacionados diretamente ao fato de que, os AINEs têm uma quantidade alta de biodisponibilidade, principalmente por conta do limitado metabolismo hepático de primeira passagem, sendo moléculas completamente relacionadas a proteínas, resultando no deslocamento de diversas medicações interligadas com as proteínas, causando as concentrações de níveis mais altos, proporcionando um maior risco de efeitos adversos[14].

O uso irracional destes fármacos está associado com o aumento do risco de sangramento gástrico, sendo baseado no mecanismo de ação da classe farmacológica que buscam inibir as ações das enzimas oxigenases (COXs), com o objetivo de reduzir a síntese dos mediadores inflamatórios, reduzindo consequentemente a síntese de prostaglandinas (PGE) altamente necessárias para a proteção da mucosa gástrica. Dessa forma, notamos

como o uso inadequado pode trazer diversos impactos negativos para a saúde dos indivíduos, demonstrando ser uma problemática que precisa ser levada em consideração[3].

Tais impactos podem ser compreendidos em diversas pesquisas, como por exemplo, em uma análise acerca do uso inadequado de fármacos através das administrações irresponsáveis com pacientes pediátricos no qual apontaram diversos efeitos adversos, compreendendo que as crianças com o uso irracional obtiveram um agravamento das reações adversas[15]. Enquanto em um estudo semelhante os pesquisadores notaram consequências negativas no trato respiratório, no funcionamento intestinal e um aumento de 54% das reações alérgicas[16].

Nesta perspectiva, estudo sobre fatores de risco associados à automedicação pelo uso de anti-inflamatórios em idosos constatou elevado índice de idosos praticantes de automedicação. Foi identificado que os AINEs eram a classe de medicamentos que mais esteve envolvida com interações medicamentosas e o alerta para complicações hemorrágicas e insuficiência renal era constante[17].

Partindo destes apontamentos, percebe-se que os usos destes medicamentos são de níveis elevados e considerando os fatores de seus efeitos colaterais, é fácil de compreender que o uso sem a indicação médica pode se tratar de grave problemática de saúde pública e merece a nossa atenção. Com base nisso, se faz necessário debater acerca deste problema, com o objetivo de fundamentar esta pesquisa e trazer reflexões.

O monitoramento do uso dos AINEs deve ser incentivado, devido ao seu elevado potencial de interações medicamentosas e de reações adversas[17].

3.2 As razões que levam o estudante à automedicação por AINES: motivações e fatores de risco

Os artigos aqui analisados também buscaram analisar as motivações por trás da automedicação por AINES realizada pelos estudantes de enfermagem. Foi constatado em um dos estudos que um dos fatores associados à prática da automedicação é o desconhecimento das implicações negativas citadas no tópico anterior[8], já em outra pesquisa os pesquisadores apontaram que as variáveis como "ter filhos" e "ter a prática de indicar medicamentos para terceiros" também são fatores associados[9].

Em uma das pesquisas analisadas foi descrito que os motivos que levam os estudantes até a automedicação foram as influências de terceiros, a busca pelo alívio da dor, a demora no atendimento e se descreveram como tendo conhecimentos suficientes após cursarem a disciplina de farmacologia[12]. Já em outro estudo foi notável que os estudantes por considerarem que o sintoma apresentado não se enquadrava como motivo para procura médica (como a cefaleia, por exemplo) é um indicador da automedicação[18].

Em um estudo para verificar as justificativas para automedicação, os autores apontaram que o conhecimento acerca da patologia acometida também motiva esta prática[19], enquanto uma outra pesquisa analisada também cita o próprio conhecimento dos estudantes como causa, além da busca para o alívio rápido da dor[20].

A motivação para o uso de AINES parte de qualquer que seja a inflamação, dores musculares, torcicolos, levando diversas pessoas a buscarem estabelecimentos farmacêuticos em busca de tais anti-inflamatórios. Além da escolha por si só dos medicamentos, é possível mencionar o acontecimento em que pessoas não habilitadas prescrevem os medicamentos, como amigos e familiares do paciente ou profissionais que não possuem o conhecimento, habilidade e função especializada para realizar esta prescrição[3].

O processo de automedicação é uma atitude frequente em vários países, incluindo no Brasil, também é descrito que aqueles países que possuem sistemas de saúde problemáticos e com baixa estruturação, a população geralmente tem como costume ir até as farmácias locais como sua primeira opção de tratamento e de busca de ajuda diante de uma problemática de saúde, onde a maioria dos medicamentos são comprados sem prescrição médica. Porém, mesmo nos países mais desenvolvidos, o acesso à medicamentos como analgésicos ou antitérmicos podem ser muito facilitados, encontrando-os em supermercados, drogarias ou farmácias[21].

Esse ato de busca da automedicação ou o uso irracional dos medicamentos, por muitas vezes pode parecer inofensivo, mas este consumo pode despertar possíveis problemas de saúde através de doses inadequadas ou que são administradas por vias impróprias, podendo proporcionar um agravamento do caso e gerar um risco até mesmo maior do que o próprio sintoma inicial que motivou a busca pelos medicamentos aqui debatidos[3].

Tais fatores mencionados anteriormente, podem estar associados às dificuldades de acesso, baixa qualidade e demora dos atendimentos dentro do sistema de saúde, seja este público ou privado, acrescentando ainda como fatores importantes: o alto nível de propagandas na mídia de medicamentos que não possuem a necessidade de prescrição médica, o acumulo de medicamentos nas conhecidas “farmacinhas” em casa e uma crença presente nas pessoas de que os medicamentos são as maiores e principais soluções para todo e qualquer sintoma[22].

Em uma pesquisa mais recente de formato transversal de base populacional sobre a prevalência e os fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal selecionando adultos através de uma amostragem probabilística, analisando o ato da automedicação nos últimos sete dias anterior à coleta, identificando uma prevalência de automedicação de 14,9%, onde adultos jovens com dificuldades na realização de atividades cotidianas tiveram maiores níveis de automedicação[23].

É neste contexto e entre estes medicamentos utilizados no momento da automedicação que se encontram os já definidos AINEs, sendo necessária uma explanação fundamentada acerca deste fator. Em um estudo buscando verificar os índices de uso irracional dos AINEs em Tijucas do Sul, Paraná, os pesquisadores compreenderam que 14% da amostra afirmava que usavam diariamente tais medicamentos, buscando evitar dores musculares ou dores de cabeça. Entre estes sujeitos, 59% relataram sentir dores no estômago e a maioria deles, mesmo assim, continuavam fazendo uso por conta própria e sem o receituário médico[24].

De um ponto de vista profissional, é apontado através de várias pesquisas científicas que os profissionais da saúde se encontram como uma das classes com grandes usos dos AINEs de forma automedicada. Estes profissionais geralmente estão expostos a maiores riscos de nível biológico, psicossocial e até mesmo ergonômico, sendo suscetíveis ao surgimento e manifestação de doenças devido seu trabalho, o que muitas vezes desperta o desejo de se livrar dos sintomas para conseguir voltar ao trabalho, levando à automedicação[25].

O uso dos AINEs de forma irracional também é notável entre acadêmicos da área da saúde, que acabam por se sentir seguros para utilizar esses medicamentos sem orientação, principalmente por acharem já possuir o conhecimento necessário para este uso[26-27]. O uso dos AINEs entre estes sujeitos também está relacionado com o fácil acesso, mesmo que estes tenham a possibilidade de ocasionar em vários efeitos adversos, apontando que estes futuros profissionais da saúde agem de forma conivente com a prática da automedicação[5].

Em uma pesquisa com o objetivo de verificar a automedicação para cefaleia entre os profissionais da saúde atuantes da Santa Casa de Misericórdia, no Vale do Paraíba, identificou-se que 73,8% haviam utilizado medicamentos nos últimos três meses, tendo como principal queixa a cefaleia, onde cerca de 53,1% haviam informado que tinham se automedicado através de AINEs[25].

Sendo uma prática realizada desde a formação ou até mesmo antes dela, é notável que após a conclusão dos seus respectivos cursos da área da saúde, estes profissionais permaneçam com esta prática. Essa prática neste grupo de universitários pode afetar em práticas futuras no tocante à administração de medicamentos e consequentemente, afetar na segurança do próprio sujeito e de possíveis pacientes[28].

Tais fatores podem ser exemplificados em uma pesquisa acerca da automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas, verificando que a prevalência da automedicação foi de 76% entre os participantes, principalmente relacionados a adoecimentos que consideraram que não havia necessidade de busca de atendimento médico. Entre estes medicamentos, 63,2% tratava-se de AINEs e um dos fatores

associados à tal atitude, foi o desconhecimento das consequências negativas desta prática, mesmo se tratando de alunos de um curso da área da saúde[8].

4. Conclusão

Com base nos resultados encontrados anteriormente, fica claro a existência de uma problemática envolvendo a automedicação, principalmente considerando o uso de AINEs entre os estudantes de enfermagem. É compreendido que esse fator pode impactar futuramente na atuação desse profissional, considerando essa prática como inconsequente e com muitos riscos.

Logo, com base nestes pressupostos e compreensão das problemáticas, estes aspectos teóricos e empíricos fundamentam esta proposta de pesquisa e aponta para sua necessidade. Refletir sobre esta prática e propor intervenções se faz altamente necessário, tanto a nível social, propondo ações diante desta questão, quanto a nível acadêmico, propondo novas pesquisas relacionadas.

Nesse contexto, os profissionais de enfermagem podem buscar desenvolver medidas de intervenção práticas e teóricas para reduzir esses usos entre os estudantes e entre a população geral, gerando informação e conhecimento sobre as consequências dessas práticas. De um ponto de vista acadêmico, percebe-se que se faz necessário a busca pela construção de novas pesquisas nesse sentido, buscando compreender quais as principais motivações por trás da automedicação, com o objetivo de fundamentar cientificamente essa problemática e futuras intervenções nela.

Portanto, apesar de possuir limitações referentes ao foco de artigos apenas na língua portuguesa e na quantidade de artigos analisados, essa pesquisa se apresenta como relevante por alertar sobre essa problemática e discutir sobre seus impactos negativos na vida dos usuários que se automedicam. Dessa forma, essa pesquisa pode servir como um pontapé para que novas pesquisas de campo quantitativas e qualitativas possam ser realizadas, assim como para a construção de projetos interventivos nesse sentido.

Referências

1. Organização Mundial da Saúde. The ross of the pharmacist in self-care and self medication. Geneva: WHO; 1998.

2. Silva, JM, Mendonça, PP, Partata, AK. Anti-inflamatório não-esteroides e suas propriedades gerais. Revista Científica do ITPAC, 2014;7(4):1-15.

3. Gomes, TCF, et al. Prevalência de automedicação envolvendo anti-inflamatórios em pacientes de pronto atendimento com diagnóstico prévio de hemorragia digestiva. Brazilian Journal of Health Review, 2019;2(4):3077-3085.

4. Malagoli, BG, et al. Uso seguro de medicamentos na gestação. Boletim ISMP, 2019;8(10):1-14.
5. Dombroski, RDP, Thomazin, P, Lenzi, RV. A prática da automedicação entre estudantes da área da saúde de uma instituição de ensino superior do município de Cacoal-RO. CORE, 2019;1:1-18.
6. Pádua, EMMD. Metodologia da pesquisa: abordagem teórico prática. 18. ed. Campinas: Papirus, 2004.
7. Rodrigues, C, Ziegelmann, P. Metanálise: um guia prático. Revista HCPA, 2010;30(4):435-446.
8. Gama, ASM, Secoli, SR. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil. Revista Gaúcha de Enfermagem, 2017;38(1):1-7.
9. Lima, PAV, et al. Automedicação entre estudantes de graduação do interior do Amazonas. Acta Paulista de Enfermagem, 2022;35(1):1-8.
10. Martinez, JE, et al. Estudo da automedicação para dor musculoesquelética entre estudantes dos cursos de enfermagem e medicina da Pontifícia Universidade Católica – São Paulo. Revista Brasileira de Reumatologia, 2014;54(2):90-94.
11. Alves, DRF, et al. Automedicação: prática entre graduandos de enfermagem. Revista de Enfermagem UFPE Online, 2019;13(1):363-370.
12. Silva, FM, Goulart, FC, Lazarini, CA. Caracterização da prática de automedicação e fatores associados entre universitário do curso de Enfermagem. Revista Eletrônica de Enfermagem, 2014;16(3):644-651.
13. Figueiredo, WLM, Alves, TCA. Uso dos anti-inflamatórios não esteroides no controle da dor aguda: revisão sistemática. Revista de Neurociências, 2015;23(3):463-467.
14. Sylvester, J. Anti-inflamatórios não-esteroidais. Ciências Básicas, 2019;1:1-5.
15. Cunha, FS, et al. Tolerância ao paracetamol em crianças com hipersensibilidade não seletiva aos anti-inflamatórios não esteroidais. Arquivos de Asma, Alergia e Imunologia, 2019;3(2):163-167.
16. Silva, JG, et al. A prática da automedicação em crianças por seus pais: atuação da enfermagem. Revista de Enfermagem UFPE online. 2018;12(6):1570-1577.
17. Dóia Filho RL, Nobre MSC, De Sousa MNA. Fatores de risco associados à automedicação pelo uso de anti-inflamatórios em idosos. Contemporânea - Revista de Ética E Filosofia política.2022; 2(3): 836-854.
18. Silva, LB, et al. Consumo de medicamentos e prática da automedicação por acadêmicos da área de saúde na Universidade Estadual de Londrina. Revista Espaço para a Saúde, 2015;16(2):27-36.
19. Santos, B, et al. Incidência da automedicação em graduandos de enfermagem**.** Journal of the Health Science Institute, 2012;30(2):156-160.

20. Bohomol, E, Andrade, CM. Prática da automedicação entre estudantes de enfermagem de instituição de ensino superior. Ciência, Cuidado e Saúde, 2020;19:1-7.
21. Associação Médica Brasileira. Automedicação. Revista Associação Médica Brasileira, 2001;47(4):269-295.
22. Arrais, PSD, et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. Revista de Saúde Pública. 2016:50(2):1-11.
23. Domingues, PHF, et al. Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. Revista Epidemiológica e Serviços de Saúde**,** 2017;26(2):319-330.
24. Rankel, SÃO, Sato, MO, Santiago, RM. Uso irracional dos anti-inflamatórios não esteroidais no município de Tijucas do Sul, Paraná, Brasil. Visão Acadêmica,2016;17(4):4-12.
25. Galvan, MR, Pai, DD, Echevarria-Guanilo, ME. Automedicação entre profissionais da saúde. **Revista** Mineira de Enfermagem. 2016;20:1-9.
26. Araújo Junior AG, et al. Prevalência da automedicação em acadêmicos de odontologia e enfermagem em uma instituição pública brasileira. Arquivos de Odontologia, 2021;57:26-35.
27. Colares KTP, et al. Prevalência e fatores associados à automedicação em acadêmicos de enfermagem. Revista de Enfermagem UFPE Online, 2019;13:1-9.
28. Debough, G, Prion, S. Patient safety manifesto: a professional imperative for prelicensure nursing education. Journal of Professional Nursing**,** 2017;28(2):110-118.